

LEITURA E MULTIMODALIDADE: TRABALHANDO A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS NO GÊNERO CHARGE

READING AND MULTIMODALITY: WORKING SENSES CONSTRUCTION IN THE GENRE CHARGE

Maria Helena de Oliveira¹

Marcos Helam Alves da Silva²

Francisco Romário Paz Carvalho³

Resumo: *O presente artigo objetiva: demonstrar que no desenrolar da leitura, a produção de sentidos perpassa elementos verbais e não-verbais presentes na superfície textual; discutir sobre as concepções de texto e de leitura; apresentar os tipos de conhecimentos que devem ser ativados para a compreensão de um texto. Seguem-se os pressupostos teóricos de Bentes (2005), Cavalcante (2013), Koch (2002; 2010), Dionísio (2005), dentre outros. Constatou-se que para a construção de sentidos do texto frente aos aspectos/fatores multimodais emerge a postura de articular/juntar os elementos da linguagem verbal e não-verbal, isto é, do plano verbal e visual. Concluímos que o leitor do texto chárstico deve ser bem informado para que compreenda e capte seu teor crítico, visto que a charge traz muitas informações. Além do humor, a charge traz uma opinião e deixa clara para os seus leitores qual sua mensagem, que é criticar uma situação social.*

Palavras-chave: *Construção de sentidos; Leitura; Texto.*

Abstract: *This paper aims to demonstrate that in the course of reading, the senses production runs through verbal and nonverbal elements present in the textual surface; to discuss the concepts of text and reading; to introduce the types of knowledge that must be enabled to understand a text. We follow the theoretical assumptions of Bentes (2005), Cavalcante (2013), Koch (2002; 2010), Dionísio (2005), among others. It is noted that for the senses construction of text up against multimodal aspects/factors, it is necessary posture of articulating/joining the elements of verbal and non-verbal language, that is, of the verbal and visual level. We conclude that the charge text reader should be well-informed to understand and capture critical content, since the charge brings a lot of information. Besides humor, charge brings an opinion and makes clear to your readers what its message, which is to criticize a social situation.*

Keywords: *Senses construction; Reading; Text.*

1 Considerações Iniciais

Carvalho e Silva (2014) asseguram que desde o momento em que Linguística adquiriu o status de ciência, com a divulgação dos trabalhos de Ferdinand de Saussure (1916), vários campos de estudos foram surgindo com objetos teóricos diferentes, dentre eles, destaca-se a

¹ Mestranda em Letras (Área de concentração: Estudos da Linguagem), pelo Programa de Pós- Graduação em Letras – PPGEL da Universidade Federal do Piauí – UFPI. Pirajá, Brasil. E-mail: f.mariocarvalho@gmail.com

² Mestrando em Letras (Área de concentração: Estudos da Linguagem), pelo Programa de Pós- Graduação em Letras – PPGEL da Universidade Federal do Piauí – UFPI. Campo Maior, Brasil. E-mail: marcohelam_sfp@hotmail.com

³ Graduando do curso de Licenciatura Plena em Letras/ Português pela Universidade Estadual do Piauí _ UESPI. Pirajá, Brasil. E-mail: f.mariocarvalho@gmail.com

Linguística de Texto que tem como objeto de estudo não a palavra ou a sentença, mais sim o texto, considerando-o como um lugar de interação. Nasce, então, a necessidade de explicar a língua dentro de um contexto, considerando suas condições de uso.

A Linguística Textual (doravante LT) surgiu na Europa, na década de 60, mais especificamente na Alemanha, e vem, ao longo dos anos, se aperfeiçoando e adquirindo maturidade (FÁVERO e KOCH, 2012). Bentes (2005) destaca que houve um percurso de mais de 30 anos desde que o termo "Linguística de Texto" foi empregado pela primeira vez por Harold Weinrich, autor alemão que postula toda a Linguística ser necessariamente Linguística de Texto.

Carvalho (2014) adverte que durante muito tempo, o conceito de texto esteve intimamente ligado à linguagem verbal. Por esse viés, ler um texto significava ler apenas os itens lexicais. Atualmente, o conceito de texto é mais abrangente, ao passo que, na construção de sentidos do texto dar-se total relevância à linguagem visual. Santos, Riche e Teixeira (2012) pontuam que ler significa compreender qualquer texto verbal (oral ou escrito) ou não verbal, associando seu conteúdo aos nossos conhecimentos prévios.

O foco principal a ser discutido sobre a charge é a sua organização multimodal e a construção de seus argumentos para a produção de sentido através da leitura. Analisaremos a argumentação da charge em toda a sua formação multimodal. Durante a observação, alguns pontos serão realçados, como a multimodalidade linguística, a intertextualidade e o humor, visto que esses elementos tornam a leitura interessante.

O presente artigo está estruturado em quatro momentos: um primeiro, em que se discute as concepções de texto e de leitura; um segundo momento, em que discorremos sobre os tipos de conhecimentos que os ouvintes/leitores devem acionar para que seja possível a compreensão de um texto; um terceiro momento, em que tratamos da multimodalidade e da configuração do gênero charge; um quarto, em que implementamos a análise dos dados argumentando que na construção de sentidos emerge a postura de articular/juntar os elementos da linguagem verbal e não-verbal, isto é, do plano verbal e visual. Por fim, faz-se as considerações finais.

2 Concepções de texto e leitura

Inicialmente, baseando-se numa concepção de língua como representação do pensamento e o sujeito como senhor absoluto de suas ações e de seu dizer, o texto é visto,

portanto, como “um mero artefato lógico do pensamento do autor” (CAVALCANTE, 2013, p. 18). Dessa forma, cabe ao leitor apenas captar essa representação mental, juntamente às intenções (psicológicas) do produtor. Nessa concepção, o ouvinte/leitor exerce uma função de ser essencialmente passivo.

Nessa primeira concepção de texto, a leitura é considerada como uma atividade de captação das ideias do autor, sem levar em conta as experiências e os conhecimentos do leitor, a interação autor-texto-leitor com propósitos constituídos sociocognitivo interacionalmente (KOCH e ELIAS, 2010).

Em seguida, o texto passa a ser visto como um produto da “codificação de um emissor a ser decodificado pelo ouvinte, bastando, para a sua compreensão, apenas o domínio do código linguístico” (CAVALCANTE, 2013, p. 18). Segundo Carvalho (2014), a língua é vista como um código, mero instrumento de comunicação, por meio do qual um emissor envia uma mensagem a um receptor, a principal função nessa concepção é a mera transmissão de informações, cabendo ao leitor/ouvinte, a mera posição de ser passivo. Koch e Elias (2010, p. 10) veem que a concepção de língua como estrutura corresponde a de “sujeito determinado, assujeitado pelo sistema, caracterizado por uma espécie de não consciência”. Nessa segunda concepção de texto, a leitura é vista, como pontuam Koch e Elias (2010),

[...] uma atividade que exige do leitor o foco no texto, em sua linearidade, uma vez que ‘tudo está dito no dito’. [...] nesta concepção, cabe-lhe o reconhecimento do sentido das palavras e estruturas do texto. O leitor é caracterizado por realizar uma atividade de reconhecimento, de reprodução. (KOCH e ELIAS, 2010, p. 10)

Por último, o conceito de texto, hoje, é visto a partir da noção de interação. Nessa concepção interacional, os sujeitos são vistos como seres ativos e construtores sociais, assim, o texto passa a ser visto como o próprio lugar de interação. É tomado como um evento em os “sujeitos são atores sociais levando em conta o contexto sociocomunicativo, histórico e cultural para a construção dos sentidos e das referências dos textos” (CAVALCANTE, 2013, p. 19).

Koch e Elias (2010) advertem que:

Na concepção interacional da língua o texto é considerado o próprio lugar da interação e da constituição dos interlocutores. Há lugar, no texto, para toda uma gama de implícitos, dos mais variados tipos, somente detectáveis quando se tem, como pano de fundo, o contexto sociocognitivo dos participantes da interação. [...] *o sentido de um texto é construído na interação texto- sujeitos e não algo que preexistia a essa interação.* (KOCH e ELIAS, 2010, p. 11, grifos nossos).

No bojo dessa concepção, compreendemos que a leitura é, pois, uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza evidentemente com base em elementos linguísticos (e não-linguísticos) presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo (KOCH e ELIAS, 2010).

Garcez (2001), propõe a seguinte definição de leitura:

A leitura é um processo complexo e abrangente de decodificação de signos e de compreensão e intelecção do mundo que faz rigorosas exigências ao cérebro, à memória e à emoção. Lida com a capacidade simbólica e com a habilidade de interação mediada pela palavra. É um trabalho que envolve signos, frases, sentenças, argumentos, provas formais e informais, objetivos, intenções, ações e motivações. Envolve especificamente elementos da linguagem, mas também os da experiência de vida dos indivíduos. (GARCEZ, 2001, p. 23)

Nas palavras de Carvalho (2014), a compreensão de um texto não se dá exclusivamente por meio da materialidade dos elementos linguísticos presentes na superfície do texto, mas leva-se em conta no processo da leitura, o ativamento de conhecimentos que estão armazenados na memória do ouvinte/leitor que contribuem para a produção de sentidos.

3 Tipos de conhecimentos

Koch (2002) adverte que, para o processamento textual, recorreremos a três grandes sistemas de conhecimentos, o que segundo Koch e Elias (2010), nos ajudam a elaborar hipóteses para que ocorra a compreensão linguística, são eles:

- i) Conhecimento linguístico;
- ii) Conhecimento enciclopédico;
- iii) Conhecimento interacional.

O primeiro deles, em linhas gerais, abrange os conhecimentos da gramática e do léxico da língua. Santos, Riche e Teixeira (2012, p. 42) concluem que o “conhecimento linguístico refere-se à experiência linguístico-discursiva, como noções de frases, valores semânticos, uso de afixos.”

O segundo tipo de conhecimento, como pontua Carvalho (2014), trata dos conhecimentos gerais sobre o mundo. O conhecimento de mundo compreende o conhecimento declarativo, manifestado por enunciações acerca dos fatos do mundo e o conhecimento episódico e intuitivo, adquirido através da experiência de cada indivíduo.

Fontana e Rossete (2007, p. 192), ao se referirem ao contexto da habilidade de leitura,

afirmam que o conhecimento enciclopédico, referencial ou de mundo, diz respeito a todo o conhecimento que assimilamos no decorrer da vida, englobando informações históricas, sociais e culturais. Garcez (2001) e Kleiman (1999) apresentam o conhecimento prévio como uma supracategoria que compreende conhecimento linguístico, textual e do mundo. Fontana e Rossete (2007) afirmam que essa categorização é coerente; o que pode ocasionar dificuldades de compreensão é o uso do hiperônimo (conhecimento prévio) por um hipônimo (conhecimento do mundo, conhecimento linguístico ou conhecimento textual), uma vez que a distinção entre os hipônimos torna-se quase sempre necessária na discussão de aspectos da prática de linguagem.

Santos, Riche e Teixeira (2012, p. 42) advertem que o conhecimento de mundo refere-se “a tudo o que assimilamos no decorrer da nossa vida, desde noções como doce/amargo, passando por informações históricas, sociais, culturais, etc”.

Segundo Koch e Elias (2010) o conhecimento interacional refere-se às formas de interação por meio da linguagem. Cavalcante (2013) assim o define:

O conhecimento interacional ocorre sempre que, ao interagirmos por meio da linguagem, precisamos mobilizar e ativar conhecimentos referentes às formas de interação. A partir desse tipo de conhecimento, somos capazes de iniciar e terminar certas formas de comunicação. (CAVALCANTE, 2013, p. 23)

Para Carvalho (2014), o conhecimento interacional ainda engloba os conhecimentos: Ilocucional, Comunicacional, Metacomunicativo e Superestrutural.

Sobre o conhecimento ilocucional temos que este é o conhecimento que nos permite reconhecer os objetivos pretendidos pelo escritor do texto na situação interacional e consiste na relação que o autor estabelece com o seu leitor. Quanto ao conhecimento comunicacional, consiste nas informações necessárias, numa situação comunicativa concreta, para que o parceiro seja capaz de reconstruir o objetivo da produção do texto, seleção de variante linguística adequada a cada situação de interação, adequação do gênero textual à situação comunicativa. O conhecimento Metacomunicativo é o que permite ao locutor compreender o texto e conseguir a aceitação pelo parceiro. Finalmente, o conhecimento superestrutural permite a identificação de textos adequados aos diversos eventos da vida social.

4 Multimodalidade

A multimodalidade vem sendo discutida ultimamente por várias áreas de estudos,

como Análise do discurso, Psicologia, Pedagogia, Semiótica, Linguística, dentre outras. Conforme Dionísio (2005; 2011), a multimodalidade refere-se às diferentes formas de representação utilizadas na construção linguística de uma mensagem, dentre essas formas temos: palavras, imagens, cores, formatos, disposição da grafia, gestos, olhares etc. (DIONÍSIO, 2005; 2011; SILVINO, 2012). Nesse sentido, a multimodalidade tem a possibilidade de unir, portanto, a escrita, a fala e a imagem ao mesmo tempo para gerar sentido.

Dionísio (2011) apresenta os pressupostos que respaldam os argumentos para essa discussão sobre multimodalidade no que se refere ao texto falado e escrito:

- (i) as ações são fenômenos multimodais;
- (ii) gêneros textuais orais e escritos são multimodais;
- (iii) o grau de informatividade visual dos gêneros textuais da escrita se processa num contínuo;
- (iv) há novas formas de interação entre o leitor e o texto, resultantes da estreita relação entre o discurso e as inovações tecnológicas. (DIONÍSIO, 2011, p. 137)

Quando falamos, usamos a linguagem nas práticas, tanto individuais quanto sociais, que se materializam através de nossos gestos, palavras, entonações, imagens e animações, que se manifestam através dos gêneros textuais. Ainda conforme Dionísio (2005; 2011), imagem, fala e escrita compondo um texto possibilitam mudanças substanciais na forma de elaborar sentido e significados.

Dionísio (2005; 2011) concorda com a posição defendida por Kress e Van Leeuwen (2001) quando conceituam um texto multimodal como aquele que utiliza vários recursos semióticos (visuais, auditivos, etc) na sua construção de sentido.

Dessa forma, compreendemos que os textos multimodais usam uma diversidade de gêneros, e como exemplos dessas construções, podemos citar os anúncios, charges, histórias em quadrinhos, propagandas, tirinhas, pinturas, imagens, ilustrações, capas de revistas, vídeos, cinema, etc. Neste artigo, focaremos nossa análise no gênero charge, sobre a qual discutiremos mais à frente.

Sperandio (2012, p. 3), Kress e Van Leeuwen (1996), concordam que, nas últimas décadas, houve uma crescente utilização de textos multimodais na produção de significados. Essas mudanças ocorreram na mídia e nos modos de comunicação. Sperandio (2012), apresenta como exemplo, a evolução nos periódicos da década de 60 que eram impressos em preto e branco, cobertos de caracteres escritos de preto, e, que a partir da década de 90, passam a obter cores, imagens. Acreditamos que essa evolução ocorreu porque as práticas

sociais também evoluíram através das mídias tecnológicas, o que possibilitou, aos escritores e produtores, colocar em prática o imaginário na produção dos textos. A charge é um exemplo dessa evolução, cada vez mais coloridas e criativas chamam a atenção dos leitores em seus enunciados.

5 Sobre a charge

Segundo Cavalcanti (2008), a charge, como meio de comunicação de massa, surgiu graças ao desenvolvimento da imprensa, assim também os chamados *comics*, que inauguraram a técnica de articular a imagem às falas dos balões. Os *comics* surgiram nos Estados Unidos pelo interesse no aumento de vendagem dos jornais. Assim, a necessidade de atrair novos leitores torna a imprensa norte-americana extremamente competitiva, usando como ferramenta os quadrinhos, publicados num suplemento nos jornais de domingo.

No início, as tirinhas eram feitas em preto e branco com custo menor, assim tiveram repercussão no mundo todo. Nesse processo de valorização da imagem articulada à linguagem verbal com o objetivo de aumentar as vendas, recorrendo ao fascínio que o desenho sempre desencadeou no homem, as charges tiveram grande desenvolvimento como forma bem humorada de esboçar críticas geralmente políticas. Assim, como afirma Cavalcanti (2008, p. 25), “os gêneros não aparecem desarticulados dos contextos situacionais, pelo contrário, são produtos dele.”

Cavalcanti (2008) ainda nos traz a diferença entre charge, caricatura e cartum. Segundo a autora, alguns ainda confundem a distinção entre charges e cartum visto que são esteticamente parecidos. Ambas fazem uma crítica humorística e para que se compreenda esses gêneros é necessário o conhecimento do assunto e do contexto de produção.

É mais comum encontrá-los isolados, mas podem aparecer em sequências curtas. Normalmente combinam imagem e texto, entretanto é possível apresentarem-se apenas através de imagens. A charge transmite informações que envolvem fatos e é, ao mesmo tempo, um texto crítico. É a representação gráfica de um assunto conhecido dos leitores segundo a visão crítica do desenhista ou do jornal. Quanto à forma, a charge representa figuras existentes no mundo real. Assim, caricaturas e símbolos são utilizados e não desenhos lúdicos, fantasiosos. É necessário ter detalhes que forneçam dados suficientes para a compreensão do leitor, tais como a caracterização do ambiente e as marcas simbolizando o tema. É a crítica humorística de um fato específico, atual e não atemporal. Já o cartum é uma anedota gráfica, não insere personagens reais ou fatos verídicos, entra no meio fantasioso e é mais atemporal que a charge. Como as histórias em quadrinhos, não possui limites de tempo e espaço. Representa uma expressão criativa do cartunista que penetra no domínio da fantasia. O cartum tem espaço para a representação gráfica do imaginário. Quanto à caricatura, esta é definida como um exagero proposital das

características de um indivíduo. Essa caracterização é tão exagerada que se torna grotesca, cômica. É importante observarmos que a charge e a caricatura não se excluem, pois, como vimos, esta é elemento constituinte daquela (CAVALCANTI, 2008, p. 37).

Apesar de a charge ser reconhecida como gênero textual estabelecido na nossa sociedade e como forma padronizada e reconhecível, Cavalcanti (2008) não afirma, porém, que ela seja totalmente formalizada e imutável, e concorda com Bazerman (2006) quando afirma que:

A criação de cada autor de um texto num gênero identificável é tão individual em suas características que o gênero não parece fornecer meios adequados e fixos para descrever a realização individual de cada texto sem empobrecimento. Tentativas de reforçar a uniformidade de gênero têm sido vistas sempre como restrições à criatividade e à expressão [assim como também à agência]. (BAZERMAN, 2006, p. 48- 49)

Nesse sentido, também concordamos com os autores acima citados, haja vista que os gêneros são passíveis de mudanças, e isto porque as sociedades mudam e com elas os seus discursos que são materializados em textos, dessa forma, na medida em que as práticas sociais evoluem através dos discursos de seus usuários, os gêneros tendem a se misturar.

6 Análise dos dados

A realização desta pesquisa envolveu uma análise verbo-visual do gênero textual charge, com o intuito de demonstrar que a imagem configura-se como um recurso multimodal indispensável na produção de sentido deste gênero. Para a concretização da análise, selecionamos sete exemplares do gênero charge, retirados da internet, no período de 04 à 15 de junho de 2014. A abordagem utilizada para a compreensão e análise dos dados foi predominantemente qualitativa. No decorrer da análise, colocamos em evidência que dentre os recursos multimodais presentes na charge, a imagem é o recurso que mais contribui na produção de sentidos. Vejamos, então, a charge abaixo:

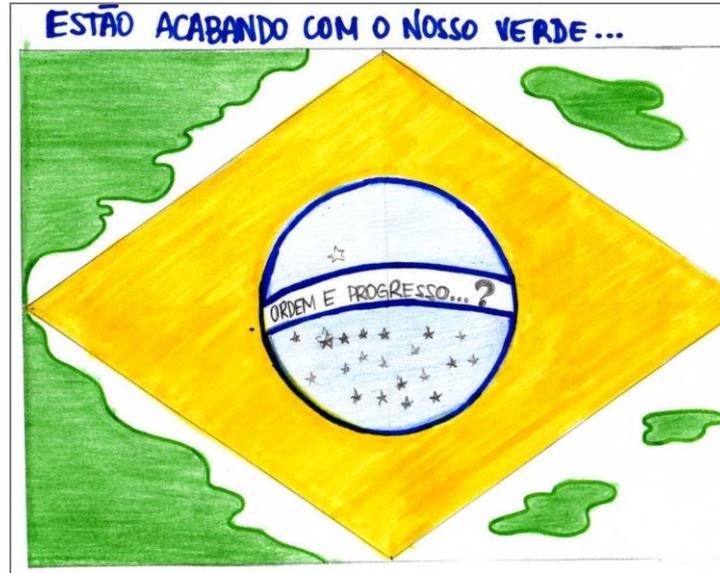


Figura 1: Desmatamento no Brasil

Fonte: <http://blogs.agostinianosaojose.com.br/2007/Widenews>

A charge acima aborda a problemática do desmatamento no Brasil. A relação intertextual colabora, substancialmente, para a produção de sentido. Na charge, é notória a relação entre o verde da bandeira do Brasil e o verde que está presente na expressão “Estão acabando com o nosso verde” referindo-se às florestas brasileiras. Outro elemento verbal que também auxilia na compreensão da charge é “Ordem e Progresso...?”, ou seja, a expressão traz consigo toda uma carga compartilhada de que o “progresso” traz consigo destruição, no caso em questão, destruição das florestas, isso é claro, se materializa por meio do ponto de interrogação que denota um possível questionamento de tanto progresso. O que mais chama atenção na charge é a ausência do verde da bandeira e é por meio da ausência que produzimos o sentido esperado. Diante da charge, notamos que a produção perpassa elementos verbais e não-verbais, além é claro, dos conhecimentos que o leitor carrega consigo, já que sem eles a produção de sentido estaria comprometida.



Figura 2: Aquecimento Global

Fonte: http://tmp.silva.zip.net/arch2007-04-22_2007-04-28.html

A charge acima aborda a temática do aquecimento global. Elementos verbais e não-verbais auxiliam o leitor a produzir sentido para esse texto. A imagem do pinguim segurando-se no cacto é fundamental para se alcançar o efeito esperado. Compartilhamos da informação de que os pinguins habitam no Polo Norte, região conhecida por ser bem fria. Em contrapartida, percebemos na charge que ele está na região mais quente do Brasil, região Nordeste. Essa informação se comprova graças aos elementos visuais, tais como: os cactos, a aridez, o sol bem representativo, etc. O único elemento verbal homologado “Aquecimento global”, comprova toda a interpretação do leitor, antes licenciado pelo elementos visuais. O conhecimento de mundo do leitor é indispensável para se alcançar sentido, ao passo que sem ele, nada seria possível.



Figura 3: Candidatos ou bandidos

Fonte: <http://oferrao.atarde.uol.com.br/?p=7415>

A charge acima tem por objetivo criticar os políticos corruptos que são eleitos no Brasil. O visual aqui é indispensável, pois compartilhamos da ideia de que bandidos andam encapuzados, se escondem por trás de máscaras para não serem conhecidos. Diante dessa constatação, notamos que a imagem descrita de um político “bem vestido” de terno e gravata se contrapõe com outros elementos, no caso, a máscara e o chapéu meio de lado. Além da imagem, o verbal também se faz presente, através dos números e das expressões contidas na urna eletrônica. O que mais chama atenção dentre os elementos verbais é a expressão: “Pontapé no traseiro” que traz consigo todo o efeito cômico, pois é isso que cada eleitor almeja fazer com político corrupto. Através da charge acima, percebemos que somente os elementos verbais ou somente os visuais, isoladamente, não proporcionam, ao leitor, subsídios necessários para a produção de sentido. Agora, a união do verbal com o visual, somados com os conhecimentos que o leitor possui os guiam para a produção de sentido.



Figura 4: A espera das eleições

Fonte: <http://www.luizberto.com/2011/10/page/10>

A figura apresentada traz a imagem de um porco à frente da TV, assistindo a copa do mundo e pensando já nas eleições que virão, o que nos remete ao fato de alguns brasileiros só pensarem em feriados, para não trabalhar. A onomatopeia "ronc ronc" utilizada para se referir ao barulho do estômago do porco, que já pensa nas eleições, sugere o banquete que este terá com os políticos que perdem as eleições, visto que, quando isso acontece utiliza-se a expressão "a porca comeu", expressão essa muito utilizada, pelo menos no Piauí, pela

população para se referirem aos candidatos perdedores. Podemos dizer que a charge faz uma nova piada com o animal sugerindo que ele tenha comido a copa.



Figura 5: Esconde, esconde das eleições

Fonte: <http://paduacampos.com.br/2014/2012/12/05/charge-a-politica-no-piau-governador/>

A charge traz uma crítica às eleições e a figura do porco mais uma vez está presente. A cena faz uma alusão à brincadeira de "esconde, esconde" muito frequente nas brincadeiras infantis, nesse caso, quem quer se esconder do porco são os candidatos (referentes) ao governo do Piauí: Mão Santa, Zé Filho e Wellington Dias. Entretanto, a imagem nos mostra parcialmente um outro candidato subindo a árvore e outro escondido nos arbustos. Acreditamos que o foco dado aos três candidatos é justificado pelo simples fato destes se configurarem como os principais candidatos das eleições para o governo do Estado do Piauí.

O candidato Wellington Dias é, ainda, caracterizado de índio, por apresentar traços que remetem a essa figura: os cabelos lisos e pretos, a cor da pele, os pés descalços e o corpo e o rosto pintados, a roupa que cobre apenas parte do corpo, dentre outros elementos, nos fazem ter essa convicção diante de sua caracterização. O candidato Zé Filho é apresentado como um atleta, disposto, em plena forma. O candidato Mão Santa, aparece correndo, mas já cansado, visto que, corre com a boca aberta e a língua pra fora e ainda salivando. A situação remete ao fato de que apenas um não será comido pelo porco, e este ganhará as eleições, será o vencedor na suposta “brincadeira”.

A intertextualidade nesta charge chama atenção, pois é bastante clara, o intertexto aí é a brincadeira de criança, sua clareza está na figura de todos os candidatos correndo para se

esconder do porco, portanto, a intertextualidade se realiza nas figuras que aparecem na charge.



Figura 6: (In)segurança pública

Fonte: <http://www.matutando.com/charge-para-melhorar-a-seguranca-publica/>

Nesta charge temos duas pessoas sendo assaltadas. No muro, temos a frase “SEGURANÇA PÚBLICA”, entretanto, se observarmos os braços das vítimas levantados, veremos nitidamente que formam o prefixo IN que, por sua vez, nos traz um outro sentido, o da falta de segurança que vivenciamos no país. A frase escrita de preto sugere que a situação é grave, uma situação de luto, indicando que a sociedade está à mercê dos bandidos.

As vítimas do assalto também vestidas de preto remetem a essa ausência proposta na charge. No segundo plano, vemos que a cor do muro é sutil, justamente para dar destaque ao que está escrito, como ao gesto realizado para formar as letras IN; percebemos que as cores, nesse caso, estão em harmonia para que o leitor tenha um melhor entendimento da situação.

Diferente da *Figura 3*, o ladrão que se mostra não é um clarinho, branco, ou seja, não é um ladrão que pareça ter dinheiro, as roupas sem um fino trato, o gesto agressivo como se gritasse querendo que a ação termine logo demonstra o medo de ser pego, enquanto que, na *Figura 3*, o suposto bandido exibe um sorriso e está bem vestido.



Figura 7: A problemática da seca no Nordeste

Fonte: <http://ozailtonmelo.blogspot.com.br/2012/04/presidente-dilma-e-o-socorro-seca-no.html>

A charge acima novamente nos remete ao período eleitoral, especificamente às eleições para presidente. O desenho mostra a presidente Dilma carregando água em uma região seca, que pelo chão rachado e pela sigla marcada no solo indica que é o nordeste, sugerindo que se ganhar a eleição resolverá esse problema. A roupa vermelha faz uma alusão ao PT, Partido dos Trabalhadores ao qual ela pertence. Esta cena nos remete a uma questão social constante que é o sofrimento da região por falta de chuvas, e o período eleitoral é utilizado pelos candidatos para fazer promessas de melhorias na região

A forma como a água é carregada representa o modo como os nordestinos a adquirem. A cor cinza no plano de fundo apresenta uma situação de falta de tudo. Sobre essa situação social Bazerman (2007) diz:

Os atos realizados pelos enunciados em forma de gêneros estabelecem fatos sociais do que tem sido realizado, bem como fatos sociais de apoio nos significados, situações e orientações. Os fatos sociais são aquelas coisas que as pessoas acreditam ser verdadeiras e, portanto, têm influência sobre como elas definem uma situação e agem dentro dela. (BAZERMAN, 2007, p. 167)

Desse modo, concordamos com Cavalcanti (2008) quando diz que um gênero realiza atos, ou seja, a charge pode se opor ou não a um candidato, concordar ou discordar de decisões políticas, etc.

7 Considerações finais

Por meio das análises, percebemos como a imagem contribui substancialmente para a

construção de sentidos do texto. Através dos aspectos/fatores multimodais emerge a atitude de juntar os elementos da linguagem verbal e não-verbal. Como bem pontuam Koch e Elias (2010) todos esses elementos textuais intervêm na atribuição/elaboração de sentido, por parte do leitor. Concordamos com Dionísio (2005) ao pontuar que o leitor deve atentar para as mais diversas marcas textuais materializadas no texto, como, por exemplo, ilustrações, cores, formatos, formas, disposição, elementos tipográficos etc.

A princípio, a charge pode parecer apenas uma forma de trazer humor, sem nenhuma intenção explícita, no entanto, os textos chárgicos apresentam críticas precisas, irônicas. É um texto visual humorístico e opinativo que critica geralmente personagens que, como afirma Cavalcanti (2008), baseiam-se na remissão a um universo textual geralmente dado pelo próprio jornal. O leitor do texto chárgico deve ser um muito bem informado para que compreenda e capte seu teor crítico, visto que seu texto traz muitas informações. Além do humor, ela traz uma opinião e deixa clara para os seus leitores qual a sua mensagem.

Referências

BAZERMAN, C. **Gêneros Textuais, Tipificação e Interação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. **Escrita, Gênero e Interação Social**. São Paulo: Cortez, 2007.

BENTES, A. C. Linguística Textual. In: MUSSALIN, F; BENTES, A. C. (orgs.) **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

CARVALHO, F. R. P; SILVA, M. H. A. Linguística textual e o ensino de línguas: algumas considerações. **Revista Querubim**, v. 1, nº. 22, p. 81-88, 2014. Disponível em: http://www.uff.br/feuffrevistaquerubim/images/arquivos/zquerubim_22_v_1.pdf. Acesso em: 15 jun.1014.

CARVALHO, F. R. P. Leitura, texto e produção de sentidos: em cena o verbal e o visual. **Revista Temática**, v. 10, nº. 06, p. 145-161, 2014. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tematica/article/view/19517/10786>. Acesso em: 15 jun.1014.

CAVALCANTE, M. M. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2013.

CAVALCANTI, M. C. C. **Multimodalidade e Argumentação na Charge**. Recife: O Autor, 2008.

DIONISIO, A. P. Multimodalidade discursiva na atividade oral e escrita (atividades). In: MARCUSCHI, L. A.; DIONISIO, A. P. (Org.). **Fala e Escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

_____. Gêneros Textuais e Multimodalidade. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Org.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

GARCEZ, L. H. C. **Técnica de redação**. O que é preciso saber para bem escrever. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FÁVERO, L. L.; KOCH, I. G. V. **Linguística textual: introdução**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

FONTANA, N. M.; ROSSETTI, M. **Relendo a relação entre conhecimento enciclopédico e leitura**. Linguagem & Ensino v.10. n.1. p. 187-210, jan./jun. 2007.

KOCH, I. G. V. ELIAS, V. M. **Ler e compreender os sentidos do texto**. 3.ed. 7ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010.

KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Contexto, 2002.

KLEIMAN, A. **Texto & Leitor: aspectos cognitivos da leitura**. São Paulo: Pontes, 1999.

KRESS, G; VAN LEEUWEN, T. **Reading images: the grammar of the design visual**. London: Routledge, 1996, 2006.

LUNA, T. S. A pluralidade de vozes em aulas e artigos científicos. **Revista Ao Pé da Letra (UFPE)**, v. 4, 2002.

SANTOS, L. W; RICHE, R. C; TEIXEIRA, C. S. **Análise e produção de textos**. São Paulo: Contexto, 2012.

SILVINO, F. F. Letramento Visual. In: **Anais dos Seminários Teóricos Interdisciplinares do SEMIOTEC – I STIS**, 2012.

SPERANDIO, N. E. Multimodalidade e processamento metafórico em um texto digital: abordando o sentido a partir da interação entre o verbal e o imagético. **Revista digital Hipertextus** v. 01. Recife, 2012.

Data de recebimento: 10 de julho de 2014.

Data de aceite: 04 de janeiro de 2015.